

# Trauma e Adolescência

## *David Léo Levisky*

Psicanalista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo; Psiquiatra da Infância e da Adolescência; Doutor em História Social pelo Departamento de História da FFLCH da USP; Vice-presidente do Instituto São Paulo Contra a Violência.

A metapsicologia freudiana nos permite compreender grande parte dos traumas psíquicos detectados na atualidade. Variantes kleinianas, bionianas, winnicottianas, kohutianas, entre outras, não anulam, só acrescentam conceitos e percepções que ampliam novas compreensões a respeito de diferentes formas de sofrimento mental que ferem a economia, a estrutura e a dinâmica psíquica do sujeito.

Fatores múltiplos e complexos, endógenos e exógenos, participam da constituição dos agentes organizacionais e traumáticos do funcionamento mental consciente e, principalmente, inconsciente, onde o biológico, o psicológico, o social e a cultura se encontram. Situações

estressantes, conflitos exacerbados entre instâncias psíquicas, perturbações narcísicas, auto-estima comprometida, fragmentações, dissociações, não integrações de componentes do *self* são traumáticas à medida que interferem na homeostase psíquica; conceito difícil de ser explicitado, quando se pensa que a dor psíquica também pode fazer parte do acervo mental como valor de penitência e de amor a Deus. Parece que o trauma psíquico está num sentimento de algo insuportável e não-sincrônico que se estabelece nas relações inconscientes do sujeito com ele mesmo e com sua cultura. Na atualidade, o trauma e a dor mental estão presentes quando o insuportável afeta a espontaneidade e a autonomia do sujeito – valores prezados pela pós-modernidade. As manifestações da dor psíquica e dos seus efeitos traumáticos inconscientes são mutáveis e dependem das construções das subjetividades (MEZAN, 2002).

Pude, através de um estudo profundo, levantar hipóteses que contrariam as teses de Ariès (1978) e Le Goff (1995) sobre a vida familiar e a inexistência da adolescência na Idade Média. A análise histórico-psicanalítica da narrativa de Guibert de Nogent (1055-1125?) permitiu-me colocar em evidência e sugerir, ainda que seja apenas um único documento, que todos os jovens no período de transição da infância para a vida adulta passam pela adolescência. “O que varia é a forma de vivenciá-la e de manifestá-la, inclusive o tempo de duração, devido aos valores da cultura incorporados durante o desenvolvimento do sujeito psíquico”.

A adolescência é uma manifestação do desenvolvimento humano que repercute na mentalidade<sup>1</sup> vivenciada e expressa segundo as conjunturas provenientes do imaginário de cada cultura e seus subgrupos. Representa o conjunto de elementos psíquicos inconscientes e conscientes que caracteri-

---

<sup>1</sup> A mentalidade vista pela interface histórico-psicanalítica pode ser extraída do conceito proposto por Franco Júnior (2001, p.149-150): “Indica o primado psicológico nos seus aspectos mais profundos e permanentes, mas sempre manifestados historicamente, dentro e em função de um determinado contexto social, que por sua vez passa a agir a longo prazo sobre aquele conjunto de elementos psíquicos coletivos [...] os significantes (palavras, símbolos, representações) que o imaginário utiliza [e que] alteram os significados (conteúdos essenciais) da mentalidade, decorrendo disso a dinâmica dela”.

zam o sentir, o pensar e o agir observáveis através dos tipos de raciocínio, de manejo da sexualidade, dos conceitos das palavras, dos signos, dos significados das relações temporais e espaciais que se preservam no longo tempo da história, tão longo que podem parecer permanentes. O imaginário, por sua vez, sofre transformações variáveis e progressivas na sua transmissibilidade, resultantes das ações recíprocas existentes entre o sujeito, o grupo social, a tecnologia e a cultura.

Como psicanalistas, conhecemos bem as características psicológicas e comportamentais, umas constantes e outras mutáveis, dos adolescentes, que buscam na realidade exterior novos modelos identificatórios que expressem sua realidade interna. A vulnerabilidade egóica do adolescente decorre dos desinvestimentos do corpo, das imagens pessoais e parentais da infância e re-investimentos de novos objetos e potencialidades. Durante esse processo, há a emergência de mecanismos e de vivências primitivas inconscientes que entram em confronto com as novas aquisições provenientes das experiências e transformações biológicas integradas ao meio psicológico, social e cultural. São características conflitivas que envolvem o *self*,<sup>2</sup> o ego e o superego durante a re-elaboração dos conflitos vinculares e edípicos nessa que é a segunda grande oportunidade na vida de estruturar e re-estruturar aspectos centrais da personalidade e da identidade.

Na adolescência, mecanismos como onipotência, ambivalência, negação da realidade, cisão, tendência a descargas não elaboradas na busca do prazer imediato e concreto estão presentes nos *acting out*, provenientes das transformações decorrentes da sexualidade emergente e urgente. São experiências emocionais e potencialidades estimuladas pelas fantasias inconscientes – moldadas por imaginários conscientes e inconscientes que sofrem influências da cultura na qual o jovem está inserido. Cultura que reflete as projeções inconscientes num fluxo contínuo e recíproco de influências. São processos estruturais, dinâmicos e econômicos do aparelho psí-

<sup>2</sup> Parte-se da idéia de que o ego, o superego e o *self* num suposto momento inicial são indiscriminados e/ou mal discriminados e/ou se confundem, diferenciando-se durante o processo de desenvolvimento evolutivo.

quico provenientes das resultantes biológicas e das inscrições lingüísticas resultantes das interações com a realidade externa, plena de heranças presentes nas memórias históricas pessoais e do contexto.

Nessa fase da vida, o processo de identificação está em plena re-estruturação; os conteúdos internalizados são metabolizados e re-constroem a “matriz identificatória”, na concepção de Grinberg, com base em mecanismos inconscientes de seleção, inclusão, eliminação, identificação projetiva, projeções, etc., de elementos provenientes dos objetos externos, dos objetos internos e de partes do próprio *self*.<sup>3</sup>

A mentalidade adolescente – em sua transição para a sociedade adulta caracterizada por um conjunto de expectativas, ideais e valores – enfrenta desafios, ritos de passagem, evidentes ou diluídos na cultura, que configuram a inserção dos jovens nesse segmento social. Considera-se que a adolescência em todas as sociedades representa sua parte mais ativa. Quando estas oferecem condições de continência, de *holding*, o adolescer – geralmente tenso e turbulento – permite que as pulsões sejam processadas e re-configuradas dentro de enquadramentos melhor definidos, e os indivíduos têm maiores possibilidades de encontrar seus sistemas internos de equilíbrio e interação social.

Uma sociedade que não tem claras as definições de papéis, de funções, de valores, não cumpre a função organizadora e o adolescente torna-se agente e vítima desse processo.

Nesse mundo globalizado, adolescentes e os demais segmentos sociais vivem e sofrem impotentes as “globalbarbaridades”<sup>4</sup> – que, frequentemente, são estimuladas por setores da mídia e dos poderes econômicos

<sup>3</sup> Identificação: “O conceito de identificação é central e básico para a compreensão do desenvolvimento e organização da personalidade. Intervém como processo fundamental do ego, do superego e do ideal de ego, do caráter e da identidade, sendo por sua vez uma constante no contínuo interjogo da relação entre o sujeito e os objetos. Tal como o sustentou Freud, constitui a forma mais primitiva de ligação afetiva com outra pessoa. O primeiro comportamento da criança em relação a um objeto desejado é querer incorporá-lo, isto é, ‘consumi-lo e recriá-lo no ego’. Esta é a base da identificação” (GRINBERG, 1976, p.7).

<sup>4</sup> Expressão utilizada pelo compositor Tom Zé em seu CD *Pagode*.

isentos de responsabilidade psico-social, e contam com o beneplácito da sociedade que, silenciosa, assiste o desenrolar da tragicomédia.

Cresce o número de jovens violentos, delinqüentes, prostituídos, drogados, deprimidos, desesperançados, suicidas, angustiados, anoréxicos, obesos, adoecidos. Enquanto o sofrimento psíquico de uns indica a apatia ou a indiferença, para outros pode ser a expressão e a fonte de inspiração de ações transformadoras que tentam reverter o *status quo* e influenciar a moral, a ética, a comunicação, o contexto psíquico, histórico e social do seu grupamento.

A violência não é questão apenas de segurança pública e de repressão. Ela está presente nas ruas, dentro das casas, nas escolas, nas empresas, nas instituições, nos meios de comunicação. Crimes hediondos cada vez são mais freqüentes e outras formas mais tênues de violência, como a falta de cidadania, perda da solidariedade, desvalorização do próximo, ocorrem e se banalizam, sem que se dê conta de que se está menosprezando a si mesmo.

Diz Winnicott (1967, p.74):

Quando ocorre uma privação, em termos de um rompimento do lar, especialmente se houver uma desavença entre os pais, ocorre uma coisa muito séria na organização mental da criança. De repente, suas idéias e seus impulsos agressivos tornam-se inseguros. Penso que imediatamente a criança assume o controle que acabou de ser perdido e identifica-se com o novo quadro de referência familiar. Resultado: a criança perde sua própria impulsividade e espontaneidade. O nível de ansiedade é tão alto que o ato de experimentar, que poderia fazê-la chegar a um acordo com a própria agressividade, torna-se impossível [...] A tendência anti-social faz com que o menino se redescubra sempre que sinta alguma esperança de retorno da segurança, o que significa uma *redescoberta da própria agressividade*.

Ódio, amor, coragem, medo, sexualidade, conflito edipiano e vincular estão sempre presentes nos sentimentos humanos, mas a forma de senti-los e de expressá-los varia de acordo com os sistemas repressores desenvolvidos pelos controles sociais ao significar e re-significar as manifestações

pulsionais. A expressividade dessas manifestações varia de cultura para cultura, e dentro de uma mesma cultura de época para época, na dependência das mentalidades<sup>5</sup> e dos imaginários representativos de suas utopias, crenças, ideologias, formas de pensamentos, anseios, temores e mecanismos defensivos coletivos e singulares predominantes de uma dada cultura. São significados e significantes simbólicos que impregnam o contexto, presentes nas entrelinhas dos textos, como ícones culturais que se manifestam através da linguagem das instituições. Linguagem que se faz representar nas formas de estruturação e exercício do poder, no conteúdo dos valores éticos e morais – influenciados pelas tecnologias – transmitidos através da memória histórica de curta, longa e longuíssima duração. Enquanto numa dada cultura certos aspectos pulsionais são liberados, noutra eles podem ser reprimidos ou recalçados no inconsciente individual e/ou coletivo daquele contexto (FOUCAULT, 1998; GUIRADO, 1995).

Se o desrespeito aos pais já foi considerado pecado – motivo de penitências –, denunciá-lo também já foi enaltecido como prova de amor ao povo e à ideologia. No mundo das “globalbarbaridades”, onde se colocar? Eis a questão!

O poeta já havia assinalado que “a questão não é saber, pois, se um homem é forte ou fraco, mas se pode aturar a medida de sofrimento, moral ou físico, não importa, que lhe é imposta”.<sup>6</sup>

O adolescente de hoje vive num mundo, e em particular no Brasil, de resquícios de uma mentalidade colonizadora e opressiva da ditadura, hoje imposta pelo predomínio do capital, do uso da propaganda ilusória, da corrupção manifesta que expressa um estado crônico de abandonos e de

---

<sup>5</sup> Franco Júnior (2003) sugere como elementos básicos da mentalidade: 1 – a interseção entre o biológico e o social; 2 – a relação entre as emoções primitivas e uma forma específica de racionalidade, por exemplo o predomínio do pensamento analógico na Idade Média; 3 - a abrangência caracterizada pelo conjunto de automatismos, de comportamentos espontâneos, de heranças culturais profundamente enraizadas, de sentimentos e formas de pensamento comuns a todos os indivíduos, independentemente de suas condições sociais, políticas, econômicas e culturais, sendo a mentalidade a instância que abarca a totalidade humana.

<sup>6</sup> GOETHE. *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, 1771.

lutas vazias pelo poder em benefício de minorias. A democracia e as instituições democráticas em nosso meio são frágeis, afirma Angelina Peralva (2001). As barbáries dos genocídios humanos se repetem nas guerras, nas fomes, nas lutas religiosas, nas injustiças sociais que pipocam pelo mundo, representando para uns o bem, enquanto, para outros, a mesma ação ou pensamento é expressão do mal.

A vulnerabilidade ética varia rápida e intensamente, na dependência de um conjunto cada vez maior de fatores que se interatuam, num movimento dinâmico, intenso e por vezes traumático, à medida que geram aumento de tensões, fragmentações e dissociações psíquicas. Vive-se com maior liberdade de expressão aspectos particulares e singulares do *self*. Em contrapartida, sente-se maior insegurança, incerteza e imprevisibilidade. São condições de vida que dificultam a construção de parâmetros internos, da organização da subjetividade, com repercussões no *self*, no ego, no superego, na identidade. Hiper ou hipo-estimulação, dificuldades na discriminação e escolha dos objetos libidinais, nas relações entre o virtual e o concreto, o público e o privado, o particular e o singular, são estados geradores de confusão, tensão, inércia afetiva, e que interferem na elaboração psíquica e na definição da identidade em seus múltiplos aspectos.

Nos adolescentes, os mecanismos defensivos podem sofrer exacerbações, distorções, fragmentações, como formas protetoras de um ego normalmente frágil devido ao processo de transição para a vida adulta, variável em intensidade e duração na dependência das características de cada cultura – como a da globalização, que amplifica a livre expressão do *self* e das particularidades e singularidades, mas que, em contrapartida, libera e fomenta a expressão dos aspectos narcísicos, psicopáticos, perversos, psicóticos, neuróticos e deficitários dos sujeitos. Esse processo é incrementado pelas pressões externas que, quando altamente conflitantes e geradoras de dissociações, tende a perturbar ou mesmo quebrar o equilíbrio egóico.

Vem aumentando o número de jovens que usa álcool e drogas, como tranqüilizantes ou estimulantes, “pra ficar numa boa”. Não agüentam os



estados de tensão ou a monotonia em que se encontram e buscam prazeres imediatos. A sociedade “adulta” sabe disso e fomenta o seu uso pela omissão, negação ou vista grossa, e ainda estimula o uso através de sistemas de propaganda subliminares ou mesmo explícitas, como ocorre em nosso meio. Em relação ao tabaco, agora se tomou alguma providência, não pela consciência de sua nocividade, mas e principalmente devido à relação custo/benefício, uma vez que pesados desembolsos eram feitos pelas companhias seguradoras para cobrir danos de seus assegurados e altas penalidades vêm sendo impostas às empresas fabricantes, que, conscientemente, manipulam as informações.

A violência dos agentes traumáticos está na força que transgride os limites dos seres humanos, na sua realidade física e psíquica, e no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas. É uma força que desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, sem os quais o homem deixa de ser considerado sujeito de direitos e de deveres, e passa a ser olhado como um puro e simples objeto, em todas as suas formas de manifestação (ROCHA, 1996).

Esse conceito de violência está diretamente relacionado à compreensão dos agentes e fenômenos traumáticos internos e externos, que geram pressões sobre o funcionamento mental, de modo que ele seja insuficiente na continência e elaboração secundária decorrente de tais pressões, variáveis em cada cultura – hoje tendendo à homogeneização devido à difusão midiática – e que agem sobre a estruturação e funcionalidade das atividades simbólicas e operacionais inconscientes do ego e do superego. Agem de forma mitigada e contínua ou abrupta e avassaladora, de modo a interferir no desenvolvimento da subjetividade em vários níveis: individual, interpessoal e transcultural. Essas forças psíquicas intoleráveis ferem os princípios de constância e de realidade, e podem gerar mecanismos defensivos contra ansiedades neuróticas, psicóticas e de caráter. As descargas podem se direcionar contra o próprio sujeito por meio de auto-agressões, somatizações, exacerbação e regressões dos mecanismos defensivos do



ego, paradas do desenvolvimento libidinal, *acting out*, regidas pelo princípio do prazer.

O adolescente – sensibilizado pela fragilidade egóica e pelas pressões primitivas que invadem o ego em conflito e na busca de novos modelos identificatórios – vive suas experiências afetivas e potencialidades construtivas, destrutivas, reparadoras e de auto-afirmação pressionado por forças internas e externas que acabam por gerar cicatrizes profundas na auto-estima, quanto mais grave e perturbada tiver sido sua primeira infância.

Quando o jovem encontra um ambiente acolhedor, aberto e continente a suas experiências e transformações criativas e que o valorize, ele se torna sujeito e cidadão, solidário e participativo. Nossas experiências desenvolvidas no projeto Abraça seu Bairro – de incentivo ao protagonismo juvenil no meio escolar, integrado e articulado com o bairro onde o jovem vive ou estuda, com vistas à melhoria da qualidade de vida e prevenção à violência – resultam em ações sociais edificantes para ele e para toda a comunidade. O jovem se sente útil e sua auto-estima se eleva. Caso contrário, surgem a delinquência e outros desvios comportamentais que expressam não apenas as tensões e turbulências inerentes ao adolecer, mas um incremento agressivo ou libidinal desmesurado, distorções egóicas que refletem o sofrimento psíquico e cujo significado latente precisa ser decodificado.

Na Idade Média Central vivia-se sob a égide do pavor do Juízo Final; na contemporaneidade, vive-se o terror de sair às ruas devido à violência que nos assombra. O encontro da paz não está na promessa de alcançá-la no Além, como era no medievo ocidental, mas no aconchego que os inocentes encontram por detrás das grades e muros em que se enclausuram para se livrar do perigo gerado por aqueles que andam livres e impunes pelas ruas, caracterizado tão bem pela psicanalista Inaura Carneiro Leão no poema *Rio Cidade Maravilhosa: grades, grades, grades...*

O psiquismo humano carrega, ao longo de sua história, um sentimento de impotência e de desamparo em sua luta eterna para desenvolver processos adaptativos e ser continente do conjunto de pressões internas e externas na busca da felicidade – que uns dizem encontrar na espiritualidade, em

Deus; outros, no consumo. A busca da felicidade parece ser a utopia que nos auxilia a viver, que dá um sentido ao tempo vital presente na generosidade humana quando o sujeito tenta equilibrar realidades internas e externas nesse caleidoscópio que é a mente, cujas imagens se constroem e desconstroem em maior ou menor velocidade no encontro de vivências suportáveis. São fenômenos que decorrem das fantasias conscientes e inconscientes, das partes conflitantes e antagônicas do *self*, parcialmente projetadas no mundo exterior, em seus confrontos com as realidades externas e objetivas, das quais somos vítimas e agentes.

Nesse mundo complexo e de incertezas, os adolescentes têm de desenvolver e construir mecanismos defensivos e condutas adaptativas que possibilitem a auto-afirmação do *self* projetado na sociedade.

Cada vez mais a depressão, o suicídio, as doenças psicossomáticas, a violência tomam conta de crianças e adolescentes. Explora-se o sexo, adultos molestam crianças, as doenças sexualmente transmissíveis aumentam e atingem um número cada vez maior de jovens.

Vive-se numa sociedade carente de pai e mãe. Faltam limites e critérios norteadores, continentes das ansiedades cotidianas que se exacerbam. Pretende-se a liberdade edificante, mas juntamente produz-se a liberalidade frustrante. Fatos que levam a sugerir que o analista e seu paciente precisam tornar-se cômicos não somente do mundo interno, mas também da biografia, do contexto histórico pessoal e cultural de cada um para que possam melhor alcançar as linguagens e os códigos internos, conflitantes entre si e com o meio exterior na constituição de suas subjetividades.

Na Idade Média Central, início do pensamento ocidental moderno, pretendeu-se controlar a vida pulsional por meio da teocracia da Igreja. A partir daquele imaginário, acreditavam que a paz e a felicidade estavam na submissão às palavras de Deus e o destino da alma dependia do julgamento na hora do Juízo Final. Violências, prova do ordálio, inquisições, massacres foram cometidos por homens que, em nome de Deus, da fé e da Igreja, controlavam e propagavam o encontro da felicidade e da paz no Além. A Igreja submetia o sujeito às suas filosofias maniqueístas, manipuladoras,

repletas de simonias e de interferências na vida social em suas diversas formas, no intuito de preservar poderes terrenos e celestiais, numa visão imperialista de universalização de seus princípios.

O adollescere medieval era carregado e conflituoso, porém os agentes traumáticos internos e externos tinham características próprias do medievo, ainda que o processo de transição para a vida adulta fosse essencialmente o mesmo. Os recursos egóicos e superegóicos eram outros, a predominância dos mecanismos defensivos também, mas o conflito entre o primitivo e o atual decorrente dos des-investimentos infantis e re-investimentos da vida adulta estavam lá (LEVISKY, 2004).

Esse passado-presente equivale ou pouco difere em sua essência daquele que se observa na atualidade: religiosos fanáticos ou países que se intitulam defensores da democracia e que empregam formas de propaganda, de submissão, de manipulação e de convencimento em suas tentativas de impor controles, valores e princípios como forma de sobrevivência ou de expansão das áreas de influência. Vive-se uma revolução ética.

Acompanhamos as constantes ameaças dos perigos atômicos, da volatilidade econômica, que interferem direta e indiretamente nos contextos, nas mentalidades, nos imaginários, nas construções dos vários níveis de subjetividade.

A construção do sujeito psíquico sofre interferências conscientes e inconscientes nas configurações das várias linguagens que nele se inscrevem e que escrevem os direcionamentos da vida inconsciente, do mais primitivo e remoto às suas memórias mais recentes.

As questões ambientais refletidas no acordo de Kioto, as organizações que buscam a paz, como a ONU, são exemplos de esforços extraordinários para contrabalançar as forças destrutivas humanas, exacerbadas pelas características da vida contemporânea globalizada, cujos valores e tecnologia se transformam em velocidades incríveis, diante das quais cada um de nós é co-responsável pelos benefícios e traumas que acompanham o processo de construção do sujeito psíquico.

Há, principalmente entre os jovens, sentimentos generalizados de im-

potência, desesperança, descrença, desconfiança que tendem a se cronificar e se tornar um valor da cultura, como é a banalização do crime, do sexo, da violência. São estados mentais que ferem a auto-estima individual e coletiva, condições geradoras de insegurança e de incerteza.

Não se pode negar a presença e a expansão dos movimentos sociais, comunitários, das ONGs, que através de suas redes incentivam o protagonismo juvenil e tendem a amenizar os aspectos destrutivos do contexto e gerar esperança na busca de novos rumos. Mas há um sentimento de que tais iniciativas em nosso meio, e talvez no mundo, sejam gotas d'água num oceano agitado; que passado o momento de ação e emoção se diluem frente às novas situações e vivências que afogam a iniciativa anterior. Mesmo assim, acredito que é preciso prosseguir, pois o vetor resultante depende das ações das diferentes pressões que agem na relação sujeito/sociedade/cultura no encontro de melhores estados de equilíbrio entre a estruturação da natureza humana e suas capacidades adaptativas e de sobrevivência e as pressões que surgem em decorrência da própria evolução humana. Vê-se que a qualidade do equilíbrio mental humano é dinâmica e instável, oscila com a cultura e com as transformações tecnológicas e históricas que agem sobre a vida pulsional e simbólica do homem.

Temos a experiência de crianças e adolescentes que sofrem um verdadeiro “genocídio de almas”. As relações afetivas primárias estão extremamente deturpadas pela ausência ou má qualidade dos vínculos primários, cujas resultantes comprometem e deixam feridas profundas na auto-estima, no desenvolvimento das potencialidades afetivas, cognitivas, conativas, criativas e reparadoras.

Nesses jovens há um comprometimento do objeto e do espaço transicional, das funções simbólicas, dos processos perceptivos e discriminatórios, da organização das relações *self*/objeto primitivo. É só acompanhar de perto o ensino público e a maneira como são tratados os jovens, geralmente como depositários de um saber e limitada capacidade crítico-analítica. Vivem estados de abandono, salvo alguns diretores abnegados que conseguem se envolver para atenuar as dificuldades existentes, e

que são enormes. Aqueles que estão em confronto com a lei e encaminhados à FEBEM (Fundação do Bem-Estar do Menor) para serem re-integrados à sociedade são submetidos a condições sub-humanas de tratamento. Prevalece o clima prisional ou de campo de concentração nazista. Emprega-se a psicologia do medo, da agressão, e assim pretende-se re-integrá-los à sociedade na base da violência, em ambiente de profunda corrupção e carência de recursos devido à omissão do Estado e ao silêncio da sociedade.

Os adolescentes e crianças, em plena fase de desenvolvimento, vulneráveis às influências do meio na constituição do aparelho psíquico e suas potencialidades, necessitam encontrar na realidade exterior nutrientes identificatórios, afetivos, cognitivos, vivenciais, valores a serem incorporados na construção das subjetividades. A psicanálise possui toda uma série de teorias do desenvolvimento da vida inconsciente e não pode se furtar de participar dessa luta contra traumas precoces, que tendem a aniquilar as capacidades do sujeito psíquico. A experiência mostra que, em sua maioria, quando tais crianças e jovens encontram carinho, consideração, continuidade nas relações e nas comunicações, ressurgem a esperança e a vitalidade. Caso contrário, saem para a vida aprimorados no crime, uma vez que já foram violentados em sua dignidade.

Winnicott afirma que: “Tudo começa em Casa”, isso se considerarmos a casa como a primeira célula representativa da sociedade. Porém, muitos nascem nas ruas ou com casas perversamente destruídas pelo processo social. São almas sem vida ou que precocemente serão deturpadas pelo meio do qual se nutrem. São crianças e jovens que não têm a oportunidade de viver suas potencialidades criativas, voltadas para sua integração pessoal e social.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Falhas na vida relacional primitiva comprometem capacidades básicas, tais como a “busca de objeto” expressa no ato de roubar, bem como a capacidade de “experimentar pesar e desesperança” (Winnicott). Comprometem a organização do *self* primitivo e o descobrimento dos potenciais e das relações entre construtividade, destrutividade e criatividade, a noção dos limites internos e sociais e, portanto, da própria liberdade. Submissão e apatia são atitudes comportamentais que geralmente antecedem as manifestações anti-sociais. Os fracassos sucessivos das relações iniciais podem deixar marcas profundas que afetam o desenvolvimento estrutural e funcional dos aspectos egóicos primitivos e sua evolução posterior (LEVISKY, 1997).

É preciso um esforço hercúleo e de todas as nações para atenuar os problemas psicológicos e sociais que atingem milhões de jovens desde o nascimento – crianças ou jovens que, em grande parte, são frutos da própria sociedade. Muitos querem vê-los mortos, ainda que de forma inconsciente, diante da negação inconsciente que existe ao se encararem as questões de co-responsabilidade nos processos de construção das intra, inter e transsubjetividades que dependem das relações com a cultura.

A sociedade e o Estado pouco se envolvem e fazem para atenuar a quantidade de problemas que se avolumam. Direta e indiretamente contribuímos para a geração da delinqüência juvenil, que pode ser a última tentativa, ainda que inconsciente, dos jovens de serem ouvidos e existirem.

Poucos são os jovens delinqüentes cuja perturbação mental tem origem em doenças mentais irreversíveis. Geralmente elas se cronificam pelo abandono e omissão, com cristalização das estruturas psíquicas, de vivências e imaginários de caráter primitivo auto e hetero-destrutivos, e que são valores de suas culturas. Há muitas situações de desagregação familiar com maus tratos, abusos físicos e psicológicos, alcoolismo, drogas, prostituição infantil, exploração do menor e abandono. Situações que atingem pobres e ricos sem exceção.

A menina de 12 anos que se prostitui é estimulada pela mãe, que implora para que se entregue a americanos, holandeses, alemães, italianos, franceses que vêm com dinheiro para cá para fazer turismo sexual. Em troca de um prato de comida, irmãos doentes, pai alcoólatra, a menina angustiada se vê coagida, agredida e culpabilizada pela mãe, que a considera ingrata e egoísta ao negar-se submeter ao peso e à penetração daqueles que deixarão dentro dela o fruto de sua diversão. São meninas que têm sua infância violada, violentada. A auto-estima destruída pelos pais, pela realidade social, política, econômica, historicamente organizada, pela penetração da riqueza perversa da superioridade econômica, daquele que troca o prazer da carne pela carne do prazer. É a vida por um prato de comida. Ninguém é responsável. Dirão uns que a menina é malcriada, responsável por desobedecer a seus pais, por não saber dizer não às tentações, pecado-

ra. Só lhe resta a delinquência como grito de desespero diante da surdez da sociedade, das autoridades públicas, que a excluem como fruto do mal. Seu fim é a reclusão numa instituição tipo FEBEM.

Lá, é tratada como vadia, puta ou doente mental. Reclusa, vive em condições sub-humanas. Apanha, com vistas a alcançar a re-integração sócio-educativa. Nesse meio tempo, tem de aprender a conviver com as máfias das benesses, das drogas, da prostituição existente nesse submundo, cuja autoridade máxima é a corrupção e a desfaçatez. A rebelião e a fuga podem ser uma das únicas formas de serem percebidas e ouvidas, não importando a que preço. Já foi agredida e agrediu tanto na vida que fica anestesiada diante de novas situações. Winnicott já havia salientado que a delinquência pode conter, em meio ao ódio, um grito, um clamor, uma esperança de o adolescente ser ouvido e poder sentir-se existir, ser alguém e não uma coisa.

O jovem infrator busca, através do ato delinqüencial, a presença dos pais, da família, da lei, de substitutos institucionais equivalentes aos pais e à família que deveria ter tido, capazes de modular a vida pulsional e de poderem introjetar valores que dêem a ele um re-significado à vida. Frustrado pela cronicidade da exclusão, sem perspectivas, aprimora-se no crime, na violência, na indiferença, como um câncer que se alastra na malha social. Sofre com o fato de que o pai simbólico não está internalizado. A função materna representada pela capacidade de continência institucional ou da sociedade está ausente. A instituição que o acolhe representa a sua família. A aplicação da lei se constitui na criação de um espaço simbólico dinâmico e aceitável pela sociedade, semelhante ao que ocorre dentro de casa, nas relações familiares, onde necessitaria encontrar os limites desejáveis, definidos pelos pais e pela sociedade. Do confronto dos filhos na relação parental nascem as relações estruturantes.

Quando amados, considerados e tratados com dignidade, em sua maioria recuperam a auto-estima e retornam à sociedade de forma participativa e generosa. Os sentimentos de gratidão e reparação re-nascem de uma relação que se sustenta em vínculos de confiança, capazes de su-



portar descargas agressivas e amorosas, até se transformarem em sentimentos mais elaborados e pensamentos. Caso contrário, a repressão e o confinamento como meios educacionais apenas incrementam o ódio, a desconfiança e o desejo de vingança.

É necessário apresentar ao jovem condições que limitem e modulem a vazão de sua impulsividade, mas que, ao mesmo tempo, lhes ofereçam meios alternativos e estruturantes para transformar seus impulsos agressivos, libidinais e criativos em ações sociais suportáveis. As práticas esportivas, artísticas, comunitárias, educativas e profissionalizantes são fundamentais para a construção do jovem e sua integração psico-social. A Paidéia já demonstrou isso há muitos séculos, mas vivemos em uma “Torre de Babel”.

A Psicanálise, com suas teorias sobre o desenvolvimento humano e formação das subjetividades, tem o dever e a responsabilidade de intervir nas práticas sociais e contribuir para a re-construção de novos parâmetros éticos que possibilitem a convivência entre as diferenças, particularidades e singularidades em meio a semelhanças.

Ao Estado – com a colaboração da sociedade – compete organizar, gerenciar, preservar e fiscalizar condições de bem-estar para o desenvolvimento de suas crianças e jovens. Não basta apenas a lei – o Estatuto da Criança e do Adolescente –, se as ações do Estado e da Sociedade não correspondem ao que a Lei preconiza. O discurso fica esquizofrênico. Não bastam apenas prédios bem edificadas para a recuperação do menor infrator nem reduzir a idade de responsabilidade penal, se não houver uma metodologia que respeite a importância dos vínculos afetivos e cuja comunicação não utilize um discurso de aparências e conveniências, mas que conduza a um encontro sincero, realista e de esperança, conjunto difícil de ser desenvolvido.

Birman (1994) salienta que o discurso freudiano se articula de maneira indissolúvel com a categoria de sujeito, com os registros da significação e da história, e considera impossível a separação de sujeito, sentido e historicidade. Concepções que possibilitam a construção do conceito de

inconsciente, cujos sentidos inscritos nos sintomas e na vida simbólica precisam ser decodificados, uma vez que estão fora do campo da consciência.

Diante da oportunidade que me foi dada de comunicar aos colegas minha compreensão histórico-psicanalítica da relação trauma-adolescência na cultura atual, clamo à comunidade nacional e internacional que se manifestem contra os maus tratos, as ações traumáticas decorrentes das “globalbarbaridades”, os “genocídios de mentes” que se expandem pelo mundo. Clamo, pois o espectro do Juízo Final da Modernidade nos ameaça com a desconstrução ética – arma das guerras pós-modernas – que atinge pobres e ricos. A psicanálise precisa estar presente nas práticas sociais para contribuir com sua teoria e técnicas na re-construção da esperança e de novos rumos. Assim, nossos jovens, filhos e netos poderão se orgulhar de si e também de seus pais e avós.

## Resumo

O autor apresenta, neste trabalho, fatores múltiplos e complexos, endógenos e exógenos, que participam da constituição dos agentes organizacionais e traumáticos do funcionamento mental consciente e principalmente inconsciente, em que o biológico, o psicológico, o social e a cultura se encontram. Situa a criança e o adolescente neste contexto e enfatiza, entre outros aspectos, o processo de identificação na construção do sujeito psíquico.

## Palavras-chave

Trauma. Adolescência. Subjetividade. Exclusão. Identificação.

## Abstract

### Trauma and Adolescence

The author presents in this work multiple and complex factors, both endogenous and exogenous, that have a part in making up the organizational and traumatic agents in the conscious and mainly unconscious mental functions where biological, psychological, social, and cultural factors all come together. It sets the child and adolescent in this context and focuses on, among other aspects, the identification process in the continuation of the psychic being.

## Key-words

Trauma. Adolescence. Subjectivity. Exclusion. Identification.

## Resumen

### Trauma y Adolescencia

El autor presenta en este trabajo factores múltiples y complejos, endógenos y exógenos que participan de la constitución de los agentes organizacionales y traumáticos del funcionamiento mental consciente y principalmente inconsciente, donde lo biológico, lo psicológico, lo social y la cultura se encuentran. Sitúa al niño y al adolescente en este contexto y enfatiza, entre otros aspectos, el proceso de identificación en la continuación del sujeto psíquico.

## Palabras-llave

Trauma. Adolescencia. Subjetividad. Exclusión. Identificación.

## Referências

- ARIÈS, P. **História Social da Criança**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.
- BIRMAN, J. Os Impasses da Cientificidade no Discurso Freudiano e seus Destinos na Psicanálise. In: BIRMAN, J.(org.). **Psicanálise, ciência e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A Idade Média: nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- \_\_\_\_\_. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu. **Revista Signum**: revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais, São Paulo, n.5, p.73-116, 2003.
- GRINBERG, L. **Teoria de la identificación**. Buenos Aires: Paidós, 1976.
- DE NOGENT, G. **De vita sua – autobiographie**. Tradução de E. R. Labande. Paris: Belles Lettres, 1981.
- GUIRADO, M. **Psicanálise e análise do discurso**. São Paulo: Summus, 1995.
- LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Estampa, 1995. v.1.
- LEVISKY, D.L. **Moral, superego, delinquência e democracia**. 1997. Trabalho apresentado no 40º Congresso da IPA, Barcelona, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Um monge no divã – o adolecer de Guibert de Nogent (1055-1125?): uma análise histórico-psicanalítica**. 2004. Tese. (Doutorado) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2004.

MEZAN, R. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.  
PERALVA, A. Violência brasileira: entre crescimento da igualdade e fragilidade institucional. In: LEVISKY, D.L. (org.). **Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção – conhecendo, articulando, integrando e multiplicando**. São Paulo: Associação Brasileira “A Hebraica” de São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p.25-36.

ROCHA, Z. **Paixão, violência e solidão: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII**. Recife: Edição Universitária da UFPE, 1996.

WINNICOTT, D.W. (1967). A delinquência como sinal de esperança. In: \_\_\_\_\_. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

## Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Trabalho apresentado no 44º Congresso Internacional de Psicanálise da IPA, Rio de Janeiro, 2005.

**Dr. David Léo Levisky**

Rua Bruno Lobo, 218 - Butantã  
05578-020 – São Paulo – SP – Brasil  
Fone: (11) 37221654  
E-mail: dlevisky.tln@terra.com.br